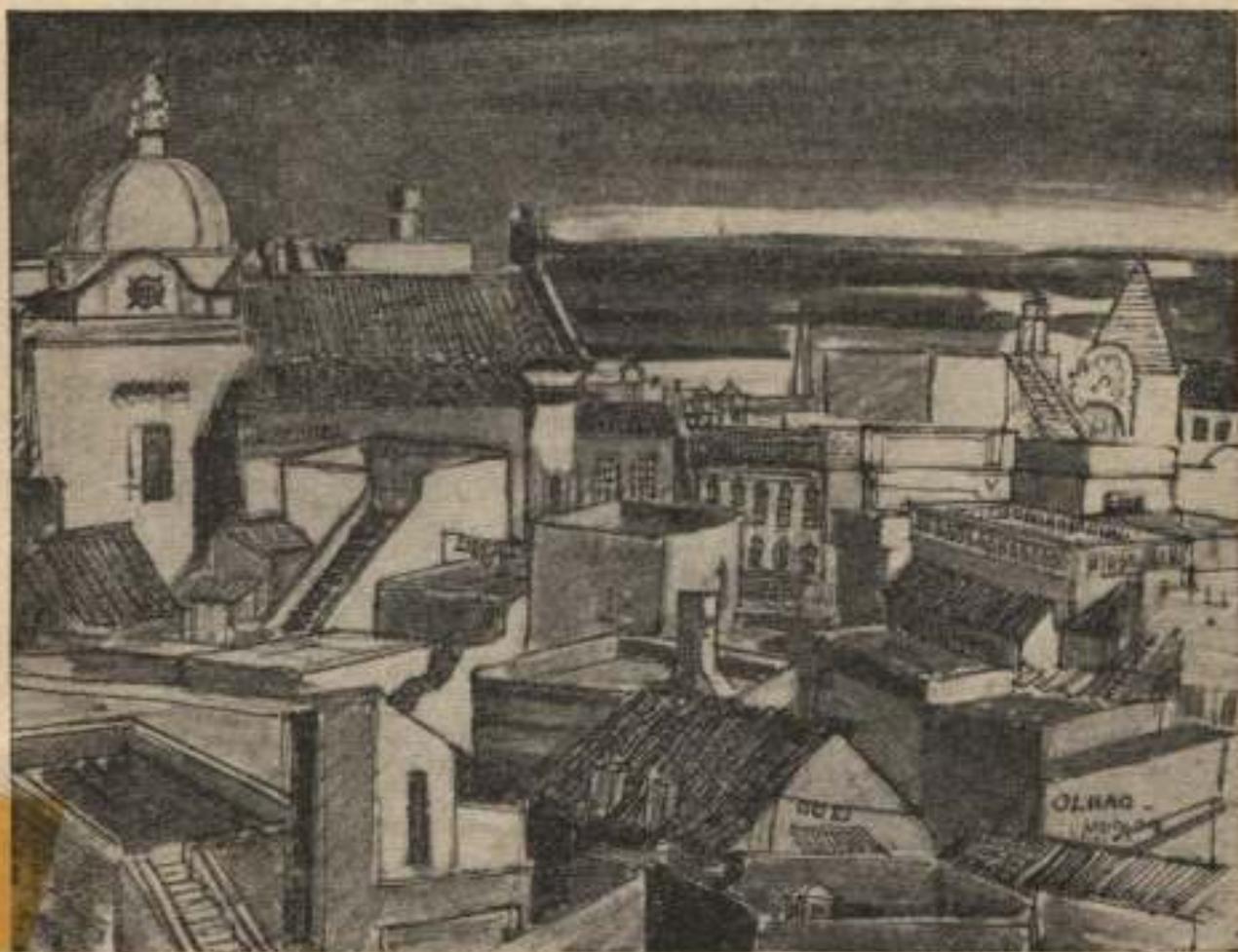


OLIVA DA MATA ARTUR

NÃO VÃO AS ESTRELAS ACORDAR



OLHÃO - 1980

OLIVA DA MATA ARTUR

NÃO VÃO
AS ESTRELAS
ACORDAR

*Ao Ex. Sr. Samuel Barros,
grande colaborador da
Casa de Algarve, com
amizades e colaborações.
Oliva da Mata
Oliva da Mata Mem
18/12/80*

OLHAO - 1980

CARTÃO DE APRESENTAÇÃO

O autor é evidentemente um jovem. Que gosta de escrever. E que escreve, desde que se entende. Talvez porque essa aptidão é também tendência. Ou vocação. Pelo menos, é essa a impressão que terá quem ler as curtas páginas que se seguem. Sente-se que o autor sente a volúpia de lidar com a palavra escrita. E com ela joga para pintar, como no primeiro texto, para tentar exprimir-se líricamente nos poemas, para dar mesmo uma dramatização, bem conseguida, no enquadramento da composição de António Aleixo. Gostaria de apostar no futuro deste jovem. E de ver confirmada esta amostra com obra de um escritor que se anuncia. Que assim seja.

JOAQUIM MAGALHÃES

APONTAMENTOS DE POETAS E ESCRITORES

Numa terra tão escassa de valores literários entre as suas novas gerações, como é Olhão, merece ser saudado quem, como o autor destas páginas de poesia e prosa, mostra qualidades que podem fazer dele um dos melhores poetas e escritores Olhanenses. Merece ser saudado e também acarinhado e ajudado nos seus primeiros contactos com os leitores, para que não venha a perder-se, por desencorajamento, no marasmo e na indiferença locais e alcance, no domínio das Letras e das Artes, o lugar que as suas primícias literárias facilmente permitem que lhe profetizemos.

Daí que não recusemos ao Oliva da Mata Artur

estas breves e singelas palavras, sem dúvida incapazes de «apadrinharem» convincentemente os seus poemas e as suas narrativas junto dos seus leitores, até por manifesta insuficiência deste «padrinho», mas suficientes para lhe reiterar, a ele, o muito aprêço em que temos as suas qualidades e o seu trabalho. E para lhe augurarmos, se aperfeiçoar aquelas e persistir neste, num futuro em que os triunfos se contarão pelos novos trabalhos que nos der.

ANTERO NOBRE

Este magnífico livro do meu bom amigo e comprovinciano Oliva da Mata Artur, tem uma expressão de tal ordem, na qual, a revelação escrita se situa numa posição verdadeiramente notável. Quero ainda salientar, tratar-se de um belo livro, com admiráveis escritos, que como exemplo citarei alguns: Terno Degredo; Velha Amiga do Mar; Emigração.

ARNALDO MARTINS DE BRITO

Na alma, do autor deste pequeno livro, existe uma «via-láctea» inquieta. Procure ir mais longe, amigo! É um artista que desponta. É um pintor duma fatia do Algarve.

VITOR CASTELLA

PINCELADAS
DE
CAL

A MINHA IRMÃ,
lembrança de Olhão

Em cima é o sol, sempre o sol e um azul de céu imaculado de extrema meridionalidade.

Em baixo este mar lagunar salpicado de meandros e canais, onde velhos marinheiros e contrabandistas sabem dos segredos e encantos, que ninguém ensina, desta Ria Formosa, ondulante e misteriosa, de braços fluídos, mornos e preguiçosos. Nela, uma galharda frota balanceia monótona, pousada em suas águas — Galeões, Caiques, Fragatas... é a floresta encantada de mastros ornados de velhas veias brancas mais parecendo lençóis arrancados de leitos de amor e ódio.

Mais ao longe são os ilhéus, abraçados pela Ria, charcos, sapais, canais e pelo mar que nos atrai e reclama. São os ilhéus de Santa Maria, Culatra, ou de São Lourenço onde só brotam, teimosamente, acácias e figueiras que torcendo-se perigosamente se vão erguendo em escaldantes areais sem fim. São ilhéus torturados pelo sol, esse eterno vigia sempre presente, e salpicados de grossas e salgadas lágrimas, deste mar onde o silêncio parece querer escutar o gemer do remo na água, o peixe que salta, ou a mulher que se entrega no meio das dunas, escondendo prazeres neste leito de amor e areia.

Por aqui é o emaranhado do branco, em forma de cubos, cubos de cal. Nele se perdem desconjuntadas vielas e becos encimados por açoteias, terraços e mirantes — pincelados de cal branca, caprichosos e atrevidos que gaiatamente brincam com este sol ardente e teimoso que embala, alumia e aquece esta terra de sonho. Nestas açoteias e terraços entrelaçados com o mar, vivemos, amamo-nos, trabalhamos e envelhecemos, como que presos numa eternidade a esta misteriosa, melancólica e sonolenta — Olhão de magia — onde o silêncio torna-se alguém que a embala eternamente.

NÃO VÃO
AS ESTRELAS
ACORDAR

TERNO DEGREDO

*Oh! linda prisioneira deste Algarve!...
Fujamos bem cedo
por este mar,
de tão doce e terno degredo.
Fujamos sem dar
a quem nos prende a medo,
o prazer de nos apanhar
a fazer amor, em segredo.*

VELHA AMIGA DO MAR

*Olhão, velha amiga do mar,
contigo e em ti afago
este meu desejo d'amar.
E à noite, quando as estrelas vêm
encher de poesia o luar,
não sei porquê,
mas parece-me ouvir-te chorar.
Penso sei lá; o quê?
Foi, talvez, um amante que perdeste no mar?...*

MURMÚRIO

*Quero um dia perder-me em ti,
em tuas vielas feito vagabundo
e percorrer teu mundo,
para descobrir o segredo
que em ti encerras
e não desvendas.*

*Quando à noite, sem saber porquê,
te julgo a murmurar, qualquer coisa ao mar,
em teus lençóis de luar.*

NÃO VÃO AS ESTRELAS ACORDAR

*Olhão casou-se com o mar.
À noite ele vem num terno tremor,
tão devagar...
contar-lhe histórias de embalar,
com seu jeito sonhador.
Não vão as estrelas acordar
e serem cúmplices do seu amor!!!...*

ESTE DESEJO

*Teu corpo, tuas águas,
teus caminhos,
tuas matas,
em segredo adivinho.
E tu me matas,
com este desejo
de te afagar
esses caminhos, que amamos
e só nós sabemos percorrer,
quando ao amanhecer
nos entrelaçamos.*

EMIGRAÇÃO

*Quantos ais
pelos que se vão,
há nas bocas destes pais
oh! meu Olhão!...
E quantos suspiros
não há em vão,
naquelas mulheres que esperam seus filhos,
que jamais voltarão?!...*

ANTÓNIO ALEIXO:

O POETA
DO
POVO

Por cima um céu estrelado e uma lua que se olha mas não se pode pegar, ao longe o serro da Cabeça. Mais perto o encavalgamento de cubos brancos com açoteias, mirantes, varandas, terraços, sacadas e escadas que vão morrer mansamente aos pés duma dessas ondas que lá em baixo gemem, soluçam e se quebram de encontro a galeões a vapor, caíques, chalupas, fragatas saveiros e traineiras. E à volta sempre à volta o mar baixo lagunar a ria, sapais, charcos e ilhéus de murraça. No ar sobem em jeito de prece religiosa a música e luzes da feira de Setembro da Vila Cubista e das gentes das Ilhas.

Um homem parou, jogou a mão ao bolso, agarrou o maço e acendeu o último dos cigarros. Subiu a um ressequido banco da cor das torturadas figueiras. A velha, cor das redes encascadas, que vende a fruta sempre gulosa do reino dos Algarves, parou por momentos o repetido pregão e ficou vendo o que ia fazer aquele magro e seco homem a que emprestara o velho banco.

Então este puxando mansamente a última fumaça olhou em volta e começou.

— Meus senhores e senhoras, venham ouvir a história do quadrilheiro Manuel Domingos Louzeiro.

As pessoas iam-se juntando à volta, ao longe um rapaz vestido de palhaço gritava — venham ao grande circo Portugália ver o homem-faquir, a bela bailarina Terezinha e a trapezista argentina Eigi — Cheiros vários se misturavam como por encanto. Eram fritos gulosos: malacuecos e chorros, feitos em grandes frigideiras por mulheres morenas de asseados aventais brancos. Cheiros misteriosos que se entrelaçavam com as palavras do poeta do banco.

*Já lá foi preso o ladrão
Que em toda a parte apar'cia;
Contam-se mais de um milhão
De roubos que este fazia.*

Um casal moço parou para ouvir.

*Meus senhores, vão ouvir
A história do quadrilheiro,
Manuel Domingos Louzeiro,
Que foi a pena cumprir,
Enquanto alguém de Salir,
Num primor de descrição,
Lhe chama até «lampião»;
Mas salirenses honrados,
Podeis dormir descansados,
Já lá foi preso o ladrão.*

Aos poucos homens e mulheres se juntavam à volta do poeta. São gentes dos ilhéus: Santa Maria, Culatra e Hangares, da vila ou dos campos. São velhos, pescadores, contrabandistas, damas de aluguer, moços e até senhores.

*P'las coisas que o povo diz,
O tal Domingos tem sido
P'ra uns terrível bandido,
P'ra outros grande infeliz.
Mas eu, sem querer ser juiz,
Vi que ele se despedia
Da mulher com quem vivia
Numa amizade sincera
E não vi nele a tal fera
Que em toda a parte apar'cia.*

O velho, que sentado olhava as estrelas pegou enchendo de suavidade o ar morno com a gaita de beijos. O poeta viu a música e sentiu mais força nas palavras.

*Desse rei dos criminosos
Direi, aos que o conhecem
Poucos crimes apareceram
E poucos são os queixosos;
Apenas alguns medrosos
Terrível fama lhe dão,
Para a justiça só são
Os seus crimes dois ou três
Mas coisas que ele não fez
Contam-se mais de um milhão.*

Um par de amantes se agarrou mais. A lua estremeceu. O ar morno se agitou na noite. O moço vestido de palhaço se calara. E o poeta continuou.

*Por alguns sítios passava,
Onde há só gente honradinha,
Que roubava à vontadinha
E que ninguém acusava;
Tudo Domingos pagava,
E ele às vezes nem sabia.
Que à sua sombra vivia
Gente que passava por justa,
Fazendo crimes à custa
Dos roubos que ele fazia.*

— Muito bem! — gritou o homem que vestido de negro chupava um magro cigarro. O poeta desceu do banco de chapéu na mão e saiu dizendo.

*Se pedir peço cantando
Sou mais atendido assim
Porque se pedir chorando
Ninguém tem pena de mim.*

Mãos calejadas, velhas, novas, carcomidas foram despejando moedas que tilintavam. Mãos e corpos que depois se afastaram na noite deixando o poeta só. Ele, as estrelas, a noite... Então o rapaz do circo perguntou:

- Porque cantas tu?
- Porque canto!!! Canto porque:

*O mundo está na infância
E adulto só pode ser
Quando desaparecer,
Do povo a ignorância.*

- Mas quem és tu...!!! És um poeta?
- Um poeta!!! Olha:

*Meu aspecto te enganou;
O que a gente é não se vê;
Pergunta a outrem quem sou,
Pois o que sou nem eu sei.
Sei que pareço um ladrão...
Mas há muitos que eu conheço
Que sem parecer o que são
São aquilo que eu pareço.*

— Mas tu como te chamas? — Perguntou o rapaz. Mas o poeta já era uma sombra perdida na noite. Então a lua se escondeu. O ar se tornou mais leve e o vento trouxe palavras que se perderam pelo luar — chamo-me António Aleixo — mas o rapaz saíra de novo apregoando e as palavras ganharam os ares vagueando pelos ilhéus, canais e a noite voltou a estremecer.